



Curas anunciadas: emergências de saberes e práticas tradicionais em Florianópolis/SC

MARCELO SABINO MARTINS*

(CERTEAU, 2006:15-16), trecho abaixo transcrito, analisa, de modo geral, o surgimento de “resistências” ou “sobrevivências” que teimam, mesmo que discretamente ou quase que imperceptivelmente, perturbar uma “perfeita ordenação de um ‘progresso’ ou de um sistema de interpretação” que se pretende ou é representado como hegemônico quando da escrita da história:

Logo, o corte é postulado da interpretação (que se constrói a partir de um presente) e seu objeto (as divisões organizam as representações a serem reinterpretadas). O trabalho determinado por este corte é voluntarista. No passado, do qual se distingue, ele faz uma triagem entre o que se pode ser “compreendido” e o que deve ser esquecido para obter a representação de uma inteligibilidade presente. Porém, aquilo que esta compreensão do passado considera como não pertinente, - dejetado criado pela seleção dos materiais, permanece negligenciado por uma explicação – apesar de tudo retorna nas franjas do discurso ou nas suas falhas...

Considera-se como sistema representado como hegemônico, para efeito deste texto, o médico científico sobre a cura, o outro, que o perturba e afronta, baseia-se em saberes e práticas tradicionais de cura. O qual aventamos estar contido nas amostras de resistências e de permanências de práticas religiosas afro-brasileiras de cura. Que, como sugere (CERTEAU, 2006) surge nas “franjas” de uma representação, cuja compreensão do passado recorrentemente, considera pertinente. Trata-se de uma representação histórica e cientificamente construída como hegemônica e o outra passa a ser explicada como “dejetado” histórico ou cultural.

* Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, doutorando em História, linha de pesquisa Ciência e Cultura na História.

Motiva e impulsiona este texto, criticar esta representação pretendida como hegemônica e chamar a atenção para práticas de curas religiosas – “dejetos” – que ressurgem nos anúncios e panfletos encontrados na cidade de Florianópolis/SC nos anos de 2000-2008. Podem ser os anúncios e panfletos considerados "resistências" ou "sobrevivências" de partes de uma interpretação ou representação sobre um passado que foi, e por vezes ainda é, preterida em detrimento de outra pretendida como científica e única possível.

Saberes e práticas de cura anunciadas em panfletos entregue nas ruas de Florianópolis ou na seção dos classificados do Jornal “Diário Catarinense”¹ – DC são; por vezes, analisadas por meio de uma interpretação oriunda de um sistema predominantemente cientificista. Tendendo considerar tais práticas e saberes tradicionais como fruto da ignorância daqueles que as praticam ou que nelas creem.

Ideias como estas são reproduzidas por Oswaldo Rodrigues Cabral (1903-1978); médico, historiador, político, professor e membro-fundador do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina. Em suas obras sobre a história da medicina em Santa Catarina, Cabral atribui a "persistência na cultura e folclore de Santa Catarina" de práticas e saberes sobre curas tradicionais à ignorância do povo.

“Para os males maiores havia apelo para o curandeiro, branco entendido ou algum negro velho, cujos sucessos eram contados e proclamados, mas de quem se calavam, para evitar melindres e agravos, os casos maus”. (CABRAL, 1958:13)

Tais práticas de cura são percebidas em anúncios de jornais há, pelo menos, dois séculos². Homens e mulheres oferecem-se para realizar "trabalhos" sejam no campo amoroso

¹Conforme (CONTIER, 1979) e (LUCA, 2005) a escolha por jornais impressos como fonte para a escrita histórica deve estar cercada de cuidados. (CAPELATO e PRADO, 1980:19) escrevem que é a imprensa um “instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social”. Assim deve-se desprezar a ideia comum que tende a considerá-la como um “mero veículo de informações, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos [e da] realidade político-social na qual se insere”. Nem o jornal nem outro documento utilizado como fonte pode ser tratado como inócuo, ingênuo, desprovido de intenções (LE GOFF, 1996). O jornal Diário Catarinense – DC/SC, em Santa Catarina, não foge a esta regra. Criado em 1986, pertence ao Grupo RBS – Rede Brasil Sul de Comunicação, fundado por Maurício Sirotsky Sobrinho. O grupo RBS é um conglomerado do setor de comunicação nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, no sul do Brasil. Controlam desde os principais jornais impressos destes estados, como o DC em Santa Catarina e o Zero Hora no Rio Grande do Sul à principal emissora de televisão da região sul: A RBS TV, afiliada da Rede Globo de Televisão. O grupo RBS mantém, ainda, sites de informação, radiodifusoras na região, além de possuir outros jornais impressos de menor tiragem.

² Ver (CHALHOUB, 1996:164)

ou da saúde, na seção dos classificados de diversos jornais, a exemplo do DC, jornal impresso com maior tiragem em Santa Catarina, cerca de 39.000 unidades diárias³.

Aqui cogitamos uma associação entre os praticantes destas curas anunciadas no tempo presente e aqueles responsáveis pela manutenção da arte de curar de séculos passados (desde o período colonial no Brasil) tais como: cirurgiões; boticários; ervateiros; curandeiros⁴. Eles, cogitamos, podem ser a personificação de uma visão de mundo que foi esquecida no passado, negligenciada por outra “representação de inteligibilidade presente” (CERTEAU, 2006).

Pretende-se com a escrita deste texto, também, salientar o importante lugar do historiador sobretudo os que se dedicam à história das ciências, como fundamental observador destes ou daqueles cortes que privilegiam uma ou outra interpretação sobre o passado (e o presente). Evitando-se assim armadilhas que podem, via de regra, reforçar versões apresentadas como única e verdadeira sobre os mais diversos eventos.

Para aqueles afetos à área da história da ciência, da medicina, da doença⁵ e, mais ainda, para uma premente história da cura, tanto mais necessária se faz a presença e a defesa do lugar social do historiador de formação e os seus próprios "estilos de pensamento" – na esteira do conceito de (FLECK, 1986)⁶. Levando-se em consideração que é a história das ciências uma história que carece da presença de historiadores (MAIA, 2013).

Assim, ao construir uma história das práticas religiosas e mito-mágicas de cura, por exemplo, longe do saber histórico e dos estilos de pensamentos afetos à própria história e seus postulados; pode-se incorrer em interpretações já há muito repetidas e mesmo consideradas inadequadas por uma historiografia mais recente.

³ Segundo informação disponível no *site* da Associação Nacional de Jornais: <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil>.

⁴ Sobre a arte de curar de séculos passados ver (CHALHOUB et al, 2003 (org.)); (FIGUEIREDO, 2008); (RIBEIRO, 1997).

⁵ Sobre a escrita da história da ciência, da medicina e da doença ver, respectivamente: (FIGUEIREDO, 2005); (PORTER, 2001) e (FRANCO et al, 2013).

⁶ (CONDÉ, 2012:7) escreve: “Fleck caracteriza o conhecimento de uma época com o que ele chamou de *estilo de pensamento*. Diferentes grupos, em diferentes períodos históricos – o que Fleck denominou de *coletivo de pensamento* – constroem seus estilos de pensamento ou conhecimento a partir de suas atividades sociais e suas interações com a natureza”.

Interpretações que, em sua maioria, resultam de uma história escrita por e para médicos, que tende repetir interpretações recorrentes ao coletivo de pensamento próprio das ciências biomédicas. Uma interpretação que, via de regra, atribui a existência ou a "permanência" de práticas de cura relacionadas aos saberes tradicionais e às religiosidades afro-brasileiras como, simplesmente, atraso e à barbárie de uma sociedade. A exemplo das interpretações realizadas pelo médico e historiador catarinense Oswaldo Rodrigues Cabral, já citado anteriormente.

Julgamos pertinente chamar a atenção para esta permanência nas "franjas", mesmo que de veículos a serviço de uma interpretação hegemônica, de práticas de cura religiosas, ou mito mágicas⁷, no tempo presente, em Santa Catarina. Práticas por vezes negligenciadas por uma explicação considerada científica, ou cientificista, fruto de um discurso médico, racional e de matriz, principalmente, ocidental.

Este discurso médico-cientificista ocidental, representado como hegemônico, é fortemente embasado numa visão mecanicista da vida. Tende a gerir as atitudes dos médicos em relação à cura, à saúde e à doença, considerando-os como um processo resultante de interpretações do paradigma cartesiano⁸, principalmente, que, em última análise, trata a doença como um mau funcionamento da máquina-corpo. Tal como refere-se (CAPRA, 2006:116):

Ao concentrar em partes cada vez menores do corpo, a medicina moderna perde frequentemente de vista o paciente como ser humano, e, ao reduzir a saúde a um funcionamento mecânico, não pode mais ocupar-se com o fenômeno da cura. Essa é talvez a mais séria deficiência da abordagem biomédica. Embora todo médico praticamente sabe que a cura é um aspecto essencial de toda a medicina, o fenômeno é considerado fora do âmbito científico; o termo "curar" é encarado com

⁷ Mito-mágica é uma expressão aqui utilizada para designar uma gama de práticas geralmente passadas de geração em geração, principalmente por meio da oralidade. Sejam por causos ou relatos fantásticos, envolvendo seres que encarnam, de forma simbólica, as forças da natureza. Assim, havia a crença de que algumas pessoas teriam a capacidade de manipular essas forças para conseguir um determinado intento, a cura de enfermidades é uma delas. Nessas práticas de cura a doença do corpo é interpretada como causa direta de uma alma também enferma. Assim há que se curar a alma para então sanar o corpo. Essas práticas aproximam-se de um sistema orgânico de organização social e visão de mundo. Muitas vezes consideradas ou tratadas pela literatura sobre o tema como feitiços. Sobre feitiço ver (MELLO E SOUZA, 1986) e (MAGGIE, 1992).

⁸ Conforme (DECARTES, 2002:21-26) a razão, o bom senso, ou, ainda, como a chamava, a "luz natural" seria o instrumento geral do conhecimento que é capaz de julgar e distinguir o verdadeiro do falso. Esta faculdade da razão é natural ao homem; sendo-lhe inata. É a faculdade mais equitativamente partilhada, porque é comum a todos os homens. Segundo Descartes a diversidade de opiniões não provém da razão, mas da maneira pela qual ela é aplicada, isto é, do método que se adota.

desconfiança, e os conceitos de saúde e cura não são geralmente discutidos nas escolas de medicina.

Aventa-se a possibilidade de ser uma falha do discurso da medicina moderna ocidental operar dentro do método biomédico de “tratar” a doença como uma avaria ou como um defeito “mecânico”, tão somente. Dessa forma não consideram a própria história (ou historicidade) do ato de curar e aqueles que buscavam a cura. Para a cura (ou a reparação) bastaria, no discurso da medicina moderna ocidental, uma intervenção física (cirurgia) ou métodos químicos (ingestão de remédios industrializados). Anulando, desta forma, qualquer interferência psíquica, intelectual, mental do próprio doente ou do curador.

O outro sistema, oriundo de saberes tradicionais, em grande medida ligado à uma religiosidade latente, que na sociedade brasileira, está intimamente ligada as matrizes indígenas e africanas⁹; considera os conceitos de doença e cura na clave de castigo e dádiva respectivamente. São, também, práticas ditas mais orgânicas (tais como as benzeduras, chazinhos de ervas, consultas às cartas, aos búzios)¹⁰. Advindas de uma matriz tradicional que tem sido, de um modo geral, negligenciada por este discurso moderno cientificista brasileiro, que, principalmente a partir de fins do século XVIII privilegiou os saberes (científicos ocidentais) da engenharia e da medicina sobre os demais (HERSCHMANN, 1994).

Embora, “abandonadas” por uma grande parcela de cientistas e médicos, por classificá-las como pouco científicas, a presença de práticas de cura relacionadas à religiosidades afro-brasileiras, por exemplo, em anúncios e panfletos, como queremos demonstrar, podem representar o quanto elas se fazem presente. Além de sugerir o quanto é recorrente uma interpretação sobre práticas de cura ligada a uma matriz orgânica, oriunda de um coletivo de pensamento de tempos pretéritos. Podendo remontar, também, às práticas de populações nativas das Américas (HOCHMAN, 2004).

⁹ Ver (LÉVI-STRAUSS, 1981); (RIBEIRO, 1995).

¹⁰ O ato de consultar os búzios consiste em um jogo onde são atirados sobre uma mesa búzios (espécie de concha bastante comum na Costa Africana) e, dependendo da forma com que eles caem virados para cima ou para baixo e direção em que apontam, o pai ou mãe de santo traduzem como uma resposta dos orixás à pergunta que lhe fora feita.

No caso específico da cidade de Florianópolis/SC são as práticas de cura tradicionais consideradas as grandes responsáveis pela manutenção da própria religião africana, conforme (TRAMONTE, 2001:17):

A rede das religiões afro-brasileiras, ao mesmo tempo discreta e poderosa, é resultado de uma complexa teia de relações elaboradas desde meados do séc. XIX até os dias atuais [2001] e que tem como nascedouro em Desterro [até 1894 este era o nome oficial da cidade de Florianópolis] as “benzedoras, rezadeiras, feiticeiros e curandeiros” que se espalhavam por toda a cidade, em geral, “fazendo a caridade “dando consultas, atendendo e receitando chás e ervas (...)

Panfleto com anúncios de serviços de vidente, conforme o representado na figura 1; dão-nos testemunho e comprovam o apontado por Tramonte. Entregues numa das mais movimentadas ruas da cidade de Florianópolis, o calçadão da Felipe Schmidt, o panfleto, e mesmo anúncios e cartazes, são comuns em várias regiões do país. São aqui analisados e interpretados como permanências, por vezes consideradas “incômodas”, de práticas ligadas as religiosidades afro-brasileiras.



VOCÊ ACHA QUE NÃO TEM MAIS SOLUÇÃO?
(48) 9982-8423 / 3222-0872
Rua Anita Garibaldi, 126 - Centro - Fpolis

REVELAMOS SEU FUTURO

Ai que você está enganado. Sou Babalorixá à 40 anos, Vidente, vejo Tarô Oriental, Cigano e Búzios, Diploma de Honra ao Mérito na casa Afro-Brasileira de Brasília, Presidente da Federação Umbandista do Estado da Santa Catarina, Diploma de Honra ao Mérito Corte Suprema da UBRACH, faço previsões para grandes Revistas, Jornais e TV. Antes de iniciar qualquer negócio, consulte CARLOS DE OGUM, para saber se será bem sucedido evitando quaisquer maus negócios, assim como; viagem, questões judiciais, queda nos lucros, desânimo no lar, separação, problemas sentimentais ou qualquer assunto de sua intimidade.

Atendimento de Segunda à Sexta das 10:00 às 19:00 horas

Obs.: Valor da Consulta R\$ 20,00 Leve o Panfleto e Tenha um desconto de R\$ 5,00
Mantenha a cidade limpa, não jogue este panfleto em via pública

Figura 1: Panfleto “Revelamos seu futuro”
Fonte: Acervo do autor, outubro de 2008

O panfleto em apreço demonstra que a pessoa que oferece seus serviços possui identificações com uma religiosidade que remete as raízes africanas, como se pode verificar com a referência ao termo “*Babalorixá*” e a alcunha de “Carlos de Ogum”. O primeiro termo é comumente utilizado para designar “pai-de-santo” dentro das religiosidades africanas

como a Umbanda e o Candomblé (CACCIATORE, 1988). Já “Ogum” consiste em importante orixá do Panteão dessas mesmas religiões¹¹.

Também são enumerados diplomas que servem, talvez, para legitimar e atestar a eficácia dos serviços anunciados pelo “pai-de-santo” Carlos de Ogum. Como o próprio panfleto sugere: serviços de “Vidência” de “revelação do futuro”; atividade que, segundo (MELLO E SOUZA, 1986), eram, frequentemente, realizadas por africanos e seus descendentes durante o período colonial no Brasil.

Consideradas como atividades de escravo por excelência, remetendo ao período colonial de raízes africanas e lusitanas por uma elite branca travestida de europeia e católica; essas práticas de cura receberão fortes críticas por parte de um saber institucionalizado pretendido como científico. Reforçadas pelas teorias racistas que se instalam no Brasil, principalmente, a partir de fins do século XIX (SCHWARCZ, 1993).

Podemos apontar que uma das razões dessas críticas, por assim dizer, ao saber médico colonial, está na ideia de que o país precisava parecer “civilizado” em comparação com as nações europeias. É estreita a relação entre este Estado brasileiro que intervém na saúde pública e uma *tecnociência* importada da Europa, principalmente Alemanha e França (CUKIERMAN, 2007).

Essas críticas reverberam em ações mais efetivas, seja na remodelação urbana das principais cidades, num reajustamento social, ou seja na obrigatoriedade da vacinação. Em Santa Catarina, este processo é percebido, sobretudo nas cidades do litoral, tendo como baluarte a capital do Estado¹². Encampadas principalmente por grupos políticos que irão pensar e formatar o Estado republicano por estes territórios austrais¹³.

Digno representante destes grupos, em Santa Catarina, é o médico e político Oswaldo Rodrigues Cabral. Um homem de seu tempo que contribuirá intelectualmente para

¹¹ Sobre os orixás africanos ver (PRANDI, 2000).

¹² Sobre as remodelações urbanas e reajustamento social em Santa Catarina ver: (ARAÚJO, 1986).

¹³ Sobre a implantação da República em Santa Catarina ver (CHEREM, 1998).

uma interpretação histórica aos moldes cientificistas do processo das artes de curar em Santa Catarina.

Cabral, ao escrever uma história da medicina em Santa Catarina, irá dedicar críticas contundentes (no seu tempo) para as práticas e saberes tradicionais sobre cura. Para ele, são atividades supersticiosas, ignorantes e bárbaras; resquícios da barbárie nativa ou africana ainda presentes no seio da sociedade brasileira. (CABRAL, 1942:11):

(...) o curandeirismo, a feitiçaria, as práticas mais estranhas abundaram, conseqüentes [sic] à ignorância e às superstições mais absurdas, atingindo altas e baixas esferas sociais, quiçá os próprios licenciados [médicos da época com algum conhecimento em sangrias e vomitórios] que, em número reduzidíssimo, não haviam certamente de fugir àquela mordaz classificação dos que “curavam por ignorância e matavam por experiência”.

Contudo, passados cerca de meio século das observações e críticas do médico e historiador catarinense, podem ser encontrados dezenas de anúncios de pais e mães de santo que oferecem seus serviços em panfletos ou anúncios em jornais. Muitos deles relacionados à saúde, como é possível observar em anúncio representado na figura 2.

Astrologia/Esoterismo
CLEUSA da Pombagira Maria Padilha. Anjo da guarda afastado da pessoa amada ou alma gêmea está indo embora, ela resolve seus problemas amorosos, de saúde, através de búzios, tarô e vidência faz todo tipo de trabalho e desmancha magia negra. (48) 3238-0593
TARÔ ATRAVÉS DA VIDÊNCIA, com apenas uma consulta você saberá os fatos mais importantes no amor, negócios e familiares, esclareça dúvidas que você julgue de difícil solução. Consultas de Tarô águas sagradas e Búzios Sra Raquel (48) 8805-3616 PH

AMOR RESOLVO EM 24 HORAS
TRAGO GAMADO E AMARRADO AOS SEUS PÉS. FAÇO O QUE OS OUTROS SÓ PROMETEM
(0xx41) 3366-2100
MÃE CATARINATEM seu fundamento preparado na Bahia, joga búzios, cartas e tarô, faz e desmancha qualquer tipo de trabalhos espirituais. Trv Lauro Muller nº 15 Bom Viver Serraria 2º/4º e 6º c/ hora marcada. (48) 3246-1483/9968-4965

BÚZIOS E CARTAS
 escolha a consulta, diga seu nome, não abra a boca, ele diz o que se passa e não faz perguntas. Ricardo de Oxalá exp. internac.(48)3333-8281
AMOR PERDIDO?
 Não sofra mais, trago de volta em até 7 dias. Consultas grátis (0xx44) 3224-0099 ou www.utiespiritual.com.br
MÃE Jaira De Yemanjá Cartas e búzios, trabalhos p/ Amor, Saúde e Financeiro, limpezas espirituais. Tratar: (0xx48) 3348-8118
MARTA DE OBA
 joga-se cartas/búzios. Consulta c/ Maria Padilha. Sigilo (48)3258-3517/8428-0520.
AMOR De Volta Urgente! Consulta grátis. (44) 3031-4145 ou www.amparoespiritual.com
MÃE Madalena d'oxum, cartas/búzios c/hora marcada (48) 3024-0911/8815-8150
CONSULTAS Espirituais Grátis. Trabalho p/amor, retorno em 7 dias. (48)9988-4305
MÃE Sara de Ogum Cartas, Búzios/Tarô. A partir R\$ 10 +1kg alim (48) 3034-3357.

Figura 2: Anúncios de Pais e Mães-de-Santo
Fonte: Jornal Diário Catarinense, 13 abr 2008 p.4

Na seção dos classificados intitulada “Astrologia/Esoterismo” do Jornal Diário Catarinense do dia 13 de abril de 2008, é possível constatar a presença de 12 (doze) anúncios de pais e mães-de-santo oferecendo seus serviços.

O primeiro deles onde se lê “Cleusa da Pomba-Gira Maria Padilha”, é um dos mais recorrentes encontrado por inúmeras vezes durante o ano de 2000 a 2008, é oferecida a solução de problemas amorosos e de saúde “através de búzios, tarô e vidência”. Noutro resolver problemas de amor em “24 horas”. Também, um anúncio com o título “Amor perdido?” cujo prazo é um pouco maior: 7 dias.

“Mãe Catarina” reafirma sua qualificação com a informação de que “tem seu fundamento preparado na Bahia”. Ao informar o endereço para atendimento, Mãe Catarina, nos confirma, em parte, informação de (TRAMONTE, 2001) de que estes praticantes ocupavam as regiões periféricas da cidade de Florianópolis já que o endereço informado corresponde a local mais afastado do centro da capital catarinense.

“Mãe Jaira de Yemanjá”, que anuncia “Cartas e búzios, trabalhos p/ Amor, Saúde e Financeiro”, ao que parece, está já, ao menos, há 8 (oito) anos anunciando, tal como pode-se inferir com a presença de anúncio semelhante encontrado em 2000. Esse com a denominação “YALORIXÁ”, no lugar de “mãe”, termo comumente utilizado para designar mulheres que são responsáveis por “terreiros” – casas-de-santo de cultos afro-brasileiros (CACCIATORE, 1988).

Outro fato que merece registro é que parece haver um crescimento do número desses anúncios. Em 2000 é possível observar a incidência do aparecimento desses anúncios, mas em número mais reduzido se comparado ao número de anúncios na seção de classificados do mesmo jornal em 2008. Contudo, para além de análises quantitativas, importa os vestígios de tais práticas de cura anunciadas encontrados nas franjas de um veículo de grande circulação dos grupos representados como hegemônicos.

Ao que tudo indica, tais vestígios sugerem que práticas de “vidência; jogo de búzios; tarô; trabalhos para amor, saúde e dinheiro”¹⁴, aqui tomadas como representantes de um sistema cultural de matriz africana-colonial, resistem ao tempo, ao apagamento dos cortes e

¹⁴ Estas práticas anunciadas de que tratamos são aqui consideradas como práticas de cura da alma. Entendendo alma no sentido platônico. Ou seja, além, ou mesmo contrário à ideia de corpo-máquina, relaciona-se ao psíquico, ao escatológico, ao que foge do puramente biológico e físico. Ver (REALE, 2002).

escolhas; e ressurgem na forma de curas anunciadas. Mesmo que na forma de anúncios em jornais reprodutores de discursos ditos hegemônicos, como o é o DC, em Florianópolis-SC. Também pode-se deduzir que são práticas usuais no tempo presente, pois se se anunciam é que há uma demanda por esses serviços.

Outro fato, o que denota novos cortes postulados utilizados para representar as práticas anunciadas ligadas à religiosidades afro-brasileiras na capital de Santa Catarina, é que elas, atualmente, não são mais encontradas na seção “religiosas”, como nos classificados do ano de 2000. Em 2008 são “classificados” como “Astrologia/Esoterismo”.

Também é difícil encontrar uma só reportagem ou matéria que se relaciona com a prática religiosa da Umbanda ou do Candomblé. Rastros e vestígios, de sua existência são dificilmente encontrados no editorial do jornal analisado. O que pode apontar, enganosamente, que estas religiosidades, e mesmo práticas de cura a elas relacionadas, não faziam parte da vida da cidade. Muito embora, sabe-se que desde a década de 1940 instalam-se na cidade, ocupando os bairros da periferia, principalmente na parte continental do município de Florianópolis, alguns poucos terreiros de Umbanda (TRAMONTE, 2001).

Esses terreiros e seus responsáveis e adeptos se desenvolveram de maneira silenciosa lenta e cuidadosa, ao contrário da explosão criativa das Escolas de Samba. Aos poucos foram ganhando corpo ao longo da segunda metade do século XX e, de forma habilidosa, foram se enraizando formando uma rede invisível (TRAMONTE, 2001). Mas que se tornam visíveis nos anúncios e panfletos analisados.

Contudo, este texto não consiste em apenas apresentar essa ou aquela diferença entre visões do passado e do presente. Mas chamar a atenção para o que deve ser a preocupação primeira do historiador: a maneira como foi ou são construídas diferentes interpretações durante o processo histórico, situando-a no tempo e espaço (PESAVENTO, 2008).

Representações que tratam as práticas e saberes sobre a cura como característica de atraso e barbárie, podem indicar como os mais diversos grupos que atuaram no cenário nacional se articularam de forma desequilibrada na montagem das teias das relações sócio culturais e políticas-econômicas brasileiras (OLIVA, 2003). O que, afeta diretamente a “construção

simbólica de sentido que organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento” (PESAVENTO, 2008: 89).

Embora não mantenham uma ideia de pertencimento ao sistema considerado hegemônico (dito científico) que refuta seus valores e crenças, esses grupos ligados aos saberes e práticas tradicionais sobre cura emergem perturbando, reinventando práticas e formas de autoafirmação.

Ao apontar e perceber o desequilíbrio na atuação destes diferentes grupos sociais pode-se expor distintas relações de poderes estabelecidas entre aquele que identifica e aquele que é identificado, ao tempo em que se pode revelar distintos estilos de pensamentos e coletivos de pensamento que se repetem, reinventam, permanecem, sobressaem.

Ao perceber suas manifestações, mesmo que nas “franjas” dos veículos reprodutores do saber cientificista dito hegemônico, mesmo que longe dos livros e documentos oficiais, torna-se cada vez mais impossível negar que práticas de cura tradicionais ligadas à religiosidade africana, por exemplo, representam e pertençam a um coletivo de pensamento tão capaz de fornecer entendimentos e visões de mundo como outro qualquer.

Portanto, nem as práticas de cura pela fé nem seus praticantes, podem continuar sendo comparados a pessoas desprovidas de razão, ignorantes, ou bárbaras. Seus praticantes não são feiticeiros maléficos, charlatães, como muitas vezes fazem crer os discursos científicos. Tais práticas não pertenceram tão somente a um passado remoto colonial, elas se fazem presentes, reinventam-se, como podemos verificar por meio dos anúncios de jornais e panfletos na cidade de Florianópolis entre 2000 e 2008.

Além de demonstrarem que, por meio de práticas e saberes tradicionais de cura, indivíduos, descendentes de africanos ou não, reafirmam uma identidade cultural da qual acreditam pertencer. Reacendem suas identificações com uma rede social que os reconhece e que os acolhe. Diferentemente dos sistemas científicos representados como hegemônicos e

únicos verdadeiros, que, por vezes, exercem sobre esses sujeitos uma força centrífuga, mesmo que por força legal¹⁵.

Não se pode negar a importância de práticas e saberes tradicionais da arte de curar advindos, de modo geral, de tradições religiosas ou africanas coloniais. Não estão estas práticas e saberes tão longe do domínio e da explicação pretendida como verdadeira, ou puramente científica, pois que são inteligíveis dentro dessa mesma visão de mundo cartesiana, racional fragmentada.

Mesmo Organizações Internacionais¹⁶, embora representantes, por assim dizer, de uma cultura pretendida como hegemônica, tem avaliado e reconhecido a contribuição desses conhecimentos empíricos advindos de práticas e manifestações locais.

Contudo mais do que reconhecer e apontar essa ou aquela diferença é necessário procurar entender e tecer, historicamente, as redes de relações de poderes que durante um determinado período, num determinado espaço, promoveu a emergência ou apagamento desta ou daquela visão ou sistema de produção de saberes.

As curas anunciadas como emergências de saberes e práticas tradicionais percebidas em panfletos e anúncios de jornais podem ser consideradas, segundo (CERTEAU, 2006), como reminiscências que teimam, mesmo que discretamente ou quase que imperceptivelmente, perturbar uma quase “perfeita ordenação de um ‘progresso’ ou de um sistema de interpretação” que se pretende ou é representado como hegemônico.

Também nos alertam para um questionamento pertinente sobre o importante lugar do historiador ao abordar temas tão delicados quanto parecem ser os relacionados as práticas e saberes tradicionais relacionados à cura.

Deve-se manter um posicionamento crítico diante de uma Ciência Biomédica que, grosso modo, tende a desconsiderar práticas consideradas como não científicas de cura como

¹⁵ A exemplo da tipificação penal ainda presente no Código Penal Brasileiro (1940), artigos 283 e 284 que criminalizam as práticas de curandeirismo e charlatanismo.

¹⁶ Ver a questão da salvaguarda do patrimônio imaterial, ou seja, dos saberes e práticas culturais ditas intangíveis em (UNESCO 2004; 2006).

um conhecimento válido. Deve-se tomar o cuidado para não repetir esta mesma atitude que foi, e ainda é, incapaz de admitir falhas neste sistema científico mecanicista de tratar o corpo.

O saber biomédico sobre o corpo humano é, via de regra, difundido como único e infalível método de cura. Incapaz de admitir um conhecimento anterior sobre as doenças e sobre a cura, que busca na natureza (com as ervas) e em “poderes ocultos” como rezas, bênçãos e jogos de búzios, a cura para o corpo e a alma. Cura hoje, mais que anunciada: praticada, procurada e acreditada.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República*. Dissertação (Mestrado em História) PUC/SP. São Paulo. 1986.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *A medicina Teológica e as Benzeduras: suas raízes na História e sua persistência no folclore*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1958.

_____. *Medicina, Médicos e Charlatães do Passado*. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1942.

CACCIATORE, Olga Gulolle. *Dicionário de cultos afro-brasileiros*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

CAPELATO, M. H.; PRADO, M. L. *O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1988

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação: A Ciência, a sociedade e a Cultura emergente*. São Paulo: Cultrix, 2006.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. et al. (org.). *Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2003.

- CHEREM, Rosangela M. *Os faróis do novo tempo: política e cultura no amanhecer republicano da capital catarinense*. São Paulo: Tese de Doutorado em História, Universidade de São Paulo, 1998.
- CONDÉ, Mauro L. Leitão (org.). *Ludwik Fleck: estilos de pensamento na ciência*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.
- CONTIER, Arnaldo. *Imprensa e ideologia em São Paulo: matizes do vocabulário político e social*. Campinas/SP: Unicamp/Vozes, 1979.
- CUKIERMAN, Henrique Luiz. *Yes nos temos Pasteur: Manguinhos, Oswaldo Cruz e a história da ciência no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2007.
- DESCARTES, René. *Discurso do Método: Regras para a Direção do Espírito*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- FLECK, Ludwik. *La génesis y el desarrollo de un hecho científico. Introducción a la teoría del estilo de pensamiento y del colectivo de pensamiento*. Madrid: Alianza, 1986.
- FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. *A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. Brasília: CAPES; Belo Horizonte: Argvmentvm Editora, 2008.
- FIGUEIREDO, B.G., CONDÉ, M.L. (orgs.). *Ciência, história e teoria*. Belo Horizonte: Argvmentvm Editora, 2005.
- FRANCO, S.P., NASCIMENTO, D. R., MACIEL, E. L. N. (orgs.). *Uma história brasileira das doenças*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.
- HERSCHMANN, Micael M. e PEREIRA, C. A. Messeder. *A invenção do Brasil Moderno: medicina, educação e engenharia nos anos de 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- HOCHMAN, Gilberto e ARMUS, Diego. *Cuidar, Controlar e Curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas/SP: Unicamp, 1990.
- LEVI-STRAUSS, C. *Tristes trópicos*, Lisboa/São Paulo, Ed. 70/Martins Fontes, 1981.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C.B. (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, 111-153.
- MAGGIE, Yvonne. *Medo do Feitiço: relações entre poder e magia no Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.
- MAIA, Carlos Alvarez. *História das ciências: uma história de historiadores ausentes*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

- MELLO E SOUZA, Laura de. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Cia das Letras, 1986.
- OLIVA, Anderson R. Sobre a cor da noite: teorias raciais e visões sobre o negro em meio aos debates científicos da passagem do século XIX para o XX. In: *Revista Múltipla*, Brasília, 8 (14): 123, julho de 2003.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- PORTER, Roy. *História da Medicina*. Rio de Janeiro: REVINTER, 2001.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- RABELO, Miriam Cristina. Religião, ritual e cura. In: ALVES e Minayo (Orgs.). *Revista Saúde e Doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994, 47-56.
- REALE, Giovanni. *Corpo, Alma e saúde: o conceito de homem de Homero a Platão*. São Paulo: Editora Pulus, 2002.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RIBEIRO, Márcia M. *A ciência dos trópicos: A arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- TRAMONTE, Cristiana. *Com a bandeira de Oxalá! Trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis*. Florianópolis: Tese de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.
- UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. In: *Le patrimoine culturel immatériel internationale de l'Imaginaire*. Número 17, Maison des Cultures du Monde, 2004, 230-236.
- UNESCO. *Novas abordagens para a diversidade cultural: papel das comunidades*. Havana, fev. 2006.